



Fórum de
Pró-Reitores
de Extensão
das Instituições
Públicas de
Educação Superior
Brasileiras

originais recebidos em 20 de outubro de 2015
aceito para publicação em 13 de dezembro de 2015

O universo caipira que se revela em nós: um curso de extensão para além da compreensão acadêmica

Neusa de Fátima Mariano ¹

Cristina de Souza Ferraz ²

Resumo: A cultura caipira é muitas vezes tida como algo atrasado, ultrapassado, cuja sabedoria com base na prática cotidiana é comumente menosprezada diante da sociedade urbano-industrial. A partir desta problemática buscou-se, com a oferta do curso de extensão intitulado *O Universo Caipira*, trazer aos participantes uma reflexão acerca desta cultura singular que se perpetua na atualidade através dos modos de ser, agir e pensar, oriundos, sobretudo, do meio rural. Pretendeu-se chamar atenção para a cultura caipira, ainda fortemente presente na nossa sociedade, a partir de uma exposição de fotografias e objetos que a expressam. O universo caipira, que se revela no seio das contradições entre o tradicional e o moderno, revelou também aos participantes do curso e visitantes da exposição de fotografias, uma identidade até então adormecida.

Palavras-chave: Cultura, Fotografia, Identidade, Extensão Universitária.

The “caipira” universe revealed in us: an extension course beyond academic understanding

Abstract: The “caipira” culture is often seen as backward, outdated and whose wisdom commonly based on every day practices is underestimated in comparison to the urban-industrial society. From this perspective, based on the extension course entitled *The “Caipira” Universe*, we aimed at fostering the reflection of the participants regarding this unique culture that is still perpetuated through ways of being, acting and thinking, and which originated mainly in rural areas. The objective was to draw attention to the “caipira” culture, still strongly present in our society, by means of a photography exhibition and objects related to this cultural background. The rustic universe that is revealed in the contradictions between the traditional and the modern had also unveiled to the participants throughout the course and the ones attending to the exhibition an identity until then asleep.

Key-words: Culture, Photography, Identity, University Extension.

1 Universidade Federal de São Carlos, *Campus* Sorocaba, Professora do curso de Geografia do Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades. Rua George Smith, 357, apto. 123 A. Lapa. São Paulo, SP. CEP: 05074-010. nfmariano@gmail.com (autora para correspondência)

2 Universidade Federal de São Carlos, *Campus* Sorocaba, Graduanda do curso de Geografia do Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades. cristinasouzaferaz@gmail.com

El universo “caipira” revelado en nosotros: un curso de extensión más allá de la comprensión académica

Resumen: La cultura "caipira" es tenida como atrasada, obsoleta, cuya sabiduría basada en las prácticas cotidianas está comúnmente infravalorada frente a la sociedad urbano-industrial. Vista a partir de esta problemática, se ha buscado, con base en el curso de extensión titulado El Universo "Caipira", proporcionar a los participantes una reflexión sobre esta singular cultura que se conserva en la actualidad a través de los modos de ser, actuar y pensar, que se originó principalmente en las zonas rurales. El objetivo del proyecto fue llamar la atención a la cultura "caipira", todavía muy presente en nuestra sociedad, por medio de una exposición de fotografías y objetos que la expresan. El universo “caipira”, que se revela en las contradicciones entre lo tradicional y lo moderno, también reveló a los participantes del curso y a los visitantes de la exposición una identidad hasta entonces dormida.

Palabras-clave: Cultura, Fotografía, Identidad, Extensión Universitaria.

Introdução

O Universo Caipira foi concebido como atividade de extensão do curso de Geografia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde também são realizadas pesquisas voltadas para a cultura popular, cujas reflexões permeiam o ramo da Geografia Cultural.

Antes de adentrar o texto sobre o desenvolvimento da proposta, cabe uma breve exposição relativa à categoria da atividade de extensão que proporcionou a realização deste trabalho. A chamada ACIEPE – Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão – ocorre durante um semestre e é voltada a alunos da própria universidade e ao público externo, abrangendo estudantes de outras instituições de ensino, professores do ensino fundamental e médio e demais profissionais.

O objetivo da ACIEPE *O Universo Caipira* foi, em um primeiro momento, analisar a cultura caipira nas suas especificidades e contradições. Ao se tratar da lógica do tempo cíclico ainda presente nesta cultura, que porém apresenta tendência de ser sucumbida pelo processo de industrialização e economia de mercado, há um direcionamento para a compreensão das suas contradições, ao perceber a ruralidade emergindo do e no espaço urbano. Neste sentido, costumes, tradições e simbologias presentes na cultura caipira na atualidade mostram a permanência da cultura popular e espontânea que dialoga com distintas temporalidades.

Vale dizer que a ACIEPE está em consonância com a Convenção da UNESCO sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assinada em 2005 na França, tendo sido promulgada em 2007 no Brasil, pelo Decreto n.º 6.177 (Brasil, 2007). Consta em seu Artigo 10 que as Partes (países envolvidos) deverão: “a) propiciar e desenvolver a compreensão da importância da proteção e promoção da diversidade das expressões culturais, por intermédio, entre outros, de programas de educação e maior sensibilização do público”.

A diversidade cultural está presente em expressões compreendidas como opostas, singulares e intraduzíveis, e ao mesmo tempo como universal, ou seja, uma totalidade que se mostra dinâmica, contraditória e desafiadora, como observa Barros (2008).

Bernard (2008, p. 48) chama a atenção para a necessidade da mobilização, dentre outros pontos por ele levantados, para a efetivação da Convenção. O autor convoca a sociedade civil e as universidades para o desafio, cujo foco estaria na difusão de ferramentas pedagógicas e na “multiplicação das carreiras do ensino e das formações específicas em matéria de diversidade das expressões culturais”.

Neste sentido, a atividade promovida pela UFSCar proporcionou aos envolvidos não só uma reflexão teórica sobre a cultura caipira, como também chamou atenção para a diversidade cultural e para a identificação que possuem com este universo.

Em 2014, na sua segunda edição (a primeira foi realizada em 2010), a ACIEPE *O Universo Caipira* teve a participação de dez alunos dos cursos de Geografia, Pedagogia, Biologia e Física, e de dois profissionais da área de promoção cultural como público externo. A proposta inicial foi montar uma exposição de fotografias a partir de um trabalho de campo realizado em Araçoiaba da Serra, município da região de Sorocaba, Estado de São Paulo. No entanto, um ambiente caipira com vários objetos deste universo foi sendo criado de forma a expressar sua religiosidade, crenças, trabalho no campo e cotidiano. A exposição ficou montada de novembro a março na biblioteca do *campus* Sorocaba. Posteriormente, o mesmo conjunto de fotos (quarenta ao todo) compôs a exposição no Núcleo de Extensão em Educação, Tecnologia e Cultura da UFSCar, localizado no centro da cidade de Sorocaba. Infelizmente não houve a possibilidade de monitorar um livro de registros para a obtenção do número exato de visitantes. Porém, foi colocado à disposição do público um caderno de impressões e mensagens. Por conta disso, a quantidade

de registros (trinta ao todo) não revela o número real de visitantes.

Pretende-se expor neste artigo a valorização e vivência da cultura caipira e os elementos que a compõem, justificando a proposta da temática e trazendo à tona o conteúdo e os autores abordados durante o curso. Em seguida, os resultados da extensão são apresentados com base na avaliação da ACIEPE realizada pelos participantes, e com base nas mensagens deixadas pelos visitantes. Compreende-se, portanto, que os objetivos foram atingidos de forma eficaz, o que instiga a realizar outras edições e compartilhar novas experiências.

O Universo Caipira

Ao se pensar a cultura caipira nos dias de hoje, parece até que há um retorno ao passado, quando, no entanto, ela está bastante presente em nosso cotidiano. Mas como identificá-la? Como compreender determinadas ações, representações e expressões como participantes de uma cultura considerada rústica, atrasada e, enfim, estigmatizada pela sociedade dita moderna?

Faz-se necessário entender a constituição da cultura caipira e sua abrangência no território nacional como parte do processo de colonização. As missões jesuítas tiveram importante papel na formação da cultura caipira, pois, com o objetivo de catequizar os nativos, unia elementos do catolicismo popular europeu aos costumes indígenas, como o canto e a dança, a celebração de datas religiosas com festas, procissões e encenações. Com o objetivo de salvar as almas consideradas pagãs, os jesuítas começaram a organizar os aldeamentos que, com o passar do tempo, vieram a se tornar vilas e cidades (PETRONE, 1995, p. 223), a exemplo do município de Carapicuíba, onde a Festa de Santa Cruz é ritualizada até hoje. O nativo era, então, alvo de disputa entre os bandeirantes, que visavam à expansão territorial e à riqueza, e os jesuítas, que queriam salvar sua alma.

Neste processo, sobretudo com a expansão bandeirante e posterior estagnação, foi-se constituindo e se fixando uma cultura singular, ligada aos ciclos da natureza, com formas particulares de ser, pensar, agir e falar:

O equilíbrio é alcançado numa variante da cultura brasileira rústica, que se cristaliza como *área cultural caipira*. É um novo modo de vida que se difunde paulatinamente a partir das antigas áreas de mineração e dos núcleos ancilares de produção artesanal e de mantimentos que a supriam de manufaturas, de animais de serviço e outros bens. Acaba por esparramar-se, falando afinal a língua portuguesa, por toda a área florestal e campos naturais do Centro-Sul do país, desde São Paulo, Espírito Santo e estado do Rio de Janeiro, na costa, até Minas Gerais e Mato Grosso, estendendo-se ainda sobre áreas vizinhas do Paraná. Desse modo, a antiga área de correrias dos paulistas velhos da preia de índios e na busca de ouro se transforma numa vasta região de cultura caipira, ocupada por uma população extremamente dispersa e desarticulada (RIBEIRO 1995, p. 383).

Tornam-se cada vez mais evidentes, com o passar do tempo, os elementos que constituem ou que caracterizam a cultura caipira em suas várias dimensões do cotidiano. Para Vianna (2005), o homem rural possui quatro qualidades fundamentais: fidelidade à palavra dada, probidade (honestidade), respeitabilidade (solidariedade) e independência moral. Estas se encontram presentes a partir da religiosidade (promessas, por exemplo), das relações de trabalho (mutirão, ajuda mútua), da culinária (repartição de proteína, como lembra Candido, 2001), entre outros momentos. Destaca-se ainda o registro da cultura caipira imbuída destas quatro qualidades apontadas, na expressividade musical, nas histórias narradas e compreendidas muitas vezes como folclóricas e fantasiosas.

Dentre as festas da religiosidade popular que serviram como instrumento no processo de catequização e colonização estão a Festa de Santa Cruz, a celebração de Corpus Christi, a Festa do Divino Espírito Santo, a Folia de Santos Reis, a Dança de São Gonçalo etc. Com a dramatização, as festas apresentam caráter folclórico, na permanência de elementos presentes em festas pagãs como, por exemplo, o alimento, a dança e a música.

Representações de um Portugal Medieval ainda podem ser visualizadas em Festas do Divino Brasil afora, em que há uma bandeira vermelha com uma pomba branca ao centro representando o Espírito Santo, e toda a corte do Império Divino, com Imperador e Imperatriz, geralmente personificados por crianças (MARIANO, 2007).

Outro festejo presente na cultura caipira é aquele em homenagem ao beato São Gonçalo do Amarante. O curioso com relação a São Gonçalo é que a sua imagem no Brasil difere da de Portugal (Amarante). Lá, a sua representação é a de um padre dominicano, e aqui é a de um pastor que traz uma viola nos braços, o que o torna padroeiro dos violeiros. A Festa de São Gonçalo só se realiza quando alguém vai pagar uma promessa. Para tanto, é chamado um grupo de dança de São Gonçalo que traz uma coreografia que remete a passos indígenas – resquícios da catequização jesuíta. Nesta festa, a distribuição de alimento faz parte da etiqueta e da representação da fartura, mesmo que seja somente pão e café (MARIANO, 2010).

Não é à toa que São Gonçalo é considerado protetor dos violeiros, pois a viola caipira tornou-se instrumento representativo ou até mesmo icônico da cultura caipira. Conforme Vilela (2014, p. 73), o homem do campo, por ter as mãos calejadas do trabalho na roça, foi criando formas harmoniosas e simples, porém “não convencionais”, de tocar viola, para poder cantar a própria história em acordes inéditos:

Os sons rústicos, raspados, estridentes, grosseiros, imperfeitos – adjetivos comumente atribuídos à música caipira – nada mais são que recursos sonoros diferenciados. Trata-se de timbres e texturas que as músicas clássica e popular são, na maioria das vezes, incapazes de produzir.

Fogem ao padrão estético predeterminado em um mundo onde o ensino e as informações são normatizadas. Essa outra expressividade tem, no mínimo, algo diferente a ser mostrado.

E assim, ainda conforme Vilela, tem-se uma sonoridade a partir da viola que vem do período colonial com a catequização indígena (século XVI), quando foram criadas formas de expressão que se arraigaram no que veio a se constituir como cultura caipira, a exemplo do cururu. Este, mais presente na região do Médio Tietê (SP), consiste num desafio cantado, improvisado, que obedece a todo um ritual composto por vários personagens, como salienta Andrade (1992). Canturião é o cantor de cururu, sendo que aquele novato que está aprendendo é chamado de canturino. A pessoa que lança a rima para os cururueiros é considerado pedestre. A rima é compreendida como carreira, como por exemplo, a carreira do Divino, em que as rimas devem ser em *ino*, mesmo que o desafio não trate necessariamente da temática do Divino. Geralmente duas duplas de cururueiros se apresentam, cada uma composta por um tocador de viola e um canturião.

O baixão, canto em sílabas, é entoado cada vez que os cururueiros se apresentam, mas antes do tema ser anunciado, pois trata-se da marca da identificação do canturião.

Baixão é canto de chegada. Tem a função de um arauto cuja mensagem é: - Vou cantar. Sou trovador X e minha voz tem tais possibilidades, conforme estou demonstrando; minhas melodias são bonitas assim. Já que estou cantando, com este Baixão homenagem Fulano/a de Tal, que está presente, e para quem estou me dirigindo. No cururu há uma comunicação silenciosa, subjacente. (ANDRADE, 1992, p. 36).

Na viola, o cururu aparece como um ritmo, assim como a toada, o cateretê, a querumana, o pagode e a guarânia, entre outros. Estes ritmos se fazem presentes nas músicas caipiras comumente hoje chamadas 'de raiz', que trazem como conteúdo histórias do cotidiano no campo, sejam elas saudosas, de um tempo que não existe mais, românticas e/ou trágicas, ou ainda, que narrem o trabalho na roça, ou do camponês que migrou para a cidade.

Com o processo de modernização e novas tecnologias, além de uma dada 'indústria cultural', a música caipira persiste, resiste neste universo, uma vez que traz consigo justamente a identidade de uma parcela da população, a memória que vem à tona, a própria história contada e cantada nos versos e na viola. Não cabe aqui considerar a música sertaneja romântica como um *continuum* da música caipira, pois são modalidades diferentes: enquanto esta traz um conteúdo de histórias de vida, a primeira atende ao mercado fonográfico.

Faz parte também deste conteúdo de histórias de vida do universo caipira as crenças em seres fantásticos, tais como o saci, o lobisomem, a mula sem cabeça, a mãe de ouro, o corpo seco, entre outros.

O saci tem ganhado notoriedade com a fundação da Associação Nacional dos Criadores de Saci de Botucatu, e a Associação dos Observadores de Saci de São Luiz do Paraitinga, ambos municípios do estado de São Paulo. A proposta é que o saci, um menino negro que usa uma touca vermelha e possui uma única perna, seja criado a cada momento em que se fala dele, em que se conta uma história sobre ele e suas travessuras. Para se 'pegar' um saci é necessário que a pessoa coloque uma cruz no aro de uma peneira e também a desenhe na rolha de uma garrafa. O saci, que mora no bambuzal, manifesta-se no momento em que aparece um rodãozinho. Aí é só jogar a peneira para prendê-lo e, com muito cuidado, colocar a peneira sob a mesma e tampá-la com a rolha. Ninguém consegue vê-lo, mas ele está lá. Para soltá-lo é só destampar a garrafa. Segundo Freire (2000) há dois tipos de sacis: o saci açu, que atinge até um metro e vinte de altura, e o saci pererê, que é o mais comum de ser encontrado.

O fato é que estas histórias tidas como lendas sempre trazem consigo um fundo moral. O saci é uma criança travessa que esconde as coisas, salga a comida, rouba roupas do varal. Pode trazer alegria, mas ao mesmo tempo atormenta quem está meio 'atrapalhado', em desequilíbrio emocional.

O lobisomem, cuja crença é internacional e bastante antiga, também participa deste universo imaginário da cultura caipira. Este ser fantástico é o sétimo filho homem da família e nas noites de lua cheia sai pelas ruas em busca de alimento. O que o satisfaz é uma criança que ainda não tenha sido batizada. Aqui se tem a urgência de se batizar o bebê logo que ele nasce, para que não fique pagão e não corra o risco de ser atacado por um lobisomem.

Seguem neste sentido as outras histórias criadas no seio da cultura caipira, que sustentam uma religiosidade, uma moral, uma ética, e que contribuem para manter aquelas quatro qualidades citadas por Vianna (2005): fidelidade à palavra dada, honestidade, respeitabilidade e independência moral.

A ACIEPE *O Universo Caipira* pautou-se nestas questões referentes ao conceito de cultura caipira e aos elementos que a constituem: a religiosidade, a música, as crenças, entre outros pontos, como o estereótipo, ou seja, o caipira como sinônimo de atraso, como divulgou Lobato (1943) em seu artigo *A Velha Praga*.

As reflexões acerca da sobrevivência da cultura caipira diante do processo de modernização apontam para a necessidade de se pensar numa sociedade contraditória em seus movimentos. Ao mesmo tempo em que a cultura caipira tende a ser sucumbida pelas novas tecnologias e pela economia de mercado, ela se utiliza desta realidade para se autoafirmar. Desta maneira, o caipira consegue transitar em duas temporalidades distintas ao mesmo tempo: o tempo do relógio, marcado pela produção, e o tempo dos ciclos da natureza, a partir da leitura que sabem fazer sobre ela.

Experiências partilhadas – o universo dos alunos

Na ocasião do primeiro encontro da ACIEPE *O Universo Caipira*, os alunos foram convidados a expor suas motivações para dela participar. Uma vez que a grande maioria se relacionava com a área da educação, fosse pela prática docente e/ou como promotores culturais, foi recorrente a preocupação em se compreender e tratar adequadamente do tema. Ao mesmo tempo, os alunos admitiam ou suspeitavam ter significativa identificação com a cultura caipira.

No caso dos futuros professores, essas preocupações se referiam, sobretudo, a como trabalhar na escola e na comunidade algo que, apesar de aparentemente arcaico, ainda se faz presente não só em sua própria memória afetiva, como também, em algum grau, no seu cotidiano e no dos seus alunos, manifestando-se em músicas, festas, linguajar, crenças, costumes e valores.

Como afinal tratar dos mitos? A cultura caipira deve ser preservada ou definitivamente superada? E em ambos os casos, qual o papel que caberia à escola e aos professores?

A sequência de estudos, reflexões e discussões levou gradualmente os participantes a um maior conhecimento sobre os processos de surgimento e transformações da cultura caipira, e de sua inserção e permanência no espaço urbano. Somou-se ao conteúdo científico a riqueza das expressões populares, observadas pelos participantes por meio da literatura, filmes, imagens e músicas. A valiosa participação de palestrantes convidados – como o historiador de Sorocaba, Sr. José Rubens, e o Presidente da Associação Nacional dos Criadores de Saci, Sr. José Oswaldo –, também contribuiu para as reflexões do grupo quanto a aspectos históricos, antropológicos e mitológicos que integraram os estudos.

Concomitante a esses esclarecimentos, a forma colaborativa com que foram realizados os trabalhos superou a simples divisão de tarefas, sensibilizando o grupo para um sentido mais profundo de cooperação e de partilha, constituintes da etiqueta do universo caipira.

A cada encontro, os participantes ofertavam ao grupo pratos da culinária caipira, o que, de alguma forma, revelava sua identificação com o tema, fosse por experiências passadas ou ainda presentes. Os encontros também contemplaram certo caráter ritualístico, uma vez que contos de Pires (1985) eram lidos pelos participantes como abertura e encerramento das atividades do dia.

Os trabalhos foram conduzidos de forma que alimentos, memórias, crenças e saberes fossem compartilhados, propiciando uma imersão não somente nos conteúdos, mas também na própria autoidentificação dos alunos, em algum grau, como herdeiros, e ao mesmo tempo transformadores, dessa cultura, entendendo-a como viva e repleta de sentido, justamente pela sua capacidade de se ajustar a novos contextos.

Como resultado houve quebra de preconceitos, pois os alunos compreenderam que estereótipos relacionados a essa cultura surgem essencialmente de concepções vinculadas à ideologia do desenvolvimento que, questionável sob vários aspectos, entende como inferior lógicas e práticas sociais que não atendem a seus preceitos.

De fato, pode-se dizer que houve o entrelaçamento de forma e conteúdo, conferindo aos trabalhos um clima de celebração, fraternidade e aprendizado, aproximando o grupo do que possivelmente seria a essência de um bom “puxirão”.

O alcance extensionista – a exposição *O Universo Caipira*

Os estudos e as discussões ao longo do curso fundamentaram o trabalho de campo realizado no município de Araçoiaba da Serra, onde ainda se pode observar aspectos bem definidos de uma ruralidade e identidade caipira. Conforme avaliação junto aos discentes, pode-se dizer que a ACIEPE propiciou a experiência de investigar e reconhecer elementos do universo caipira, por meio da paisagem e sobretudo através dos sujeitos, que despretensiosamente mantém essa cultura na lida cotidiana, neste caso entremeada tanto por elementos do rural quanto do urbano.

Pode-se dizer que evoluíram técnicas de coleta de informações e registros, conhecimentos e percepções dos participantes, o que acabou por refletir na forma com que o grupo resolveu compartilhar o resultado final dos trabalhos. O que a princípio foi pensado com uma exposição fotográfica, acabou extrapolando esse formato.

Como já mencionado no início do texto, foi montado um ambiente que propiciou também ao espectador a identificação com algum elemento (objeto, imagem, música) do universo caipira ali representado, que o colocou em contato com sua “porção caipira”.

Assim, por meio de algumas imagens que compuseram a exposição, o leitor é convidado a entrar na casa caipira e respirar um pouco deste universo.

A primeira foto (Figura 1) apresenta uma casa simples, com quintal grande e bem arborizado. O aconchego da casa caipira e sua extensão ao quintal mostram o acolhimento, mas ao mesmo tempo a expansão; tanto a abertura para o mundo fora da casa, quanto para receber a vizinhança que chega e pede por este acolhimento. A casa caipira é simples e acolhedora.

Logo a seguir (Figura 2) estão presentes os elementos que compõem o quintal da casa caipira. Sempre há uma criação, geralmente de galo e galinhas, e uma horta. Desta forma, o alimento é produzido dentro dos limites da casa, com as próprias mãos. Obviamente há alimentos e utensílios que são industrializados, visto que a sociedade atual tem como base a economia de mercado.

Mas enquanto existir o costume da criação de animais e do cultivo da horta no quintal, a resistência da cultura caipira far-se-á presente nesta forma de expressão.

Ao adentrar a casa caipira, a etiqueta diz que o visitante é recebido com um café (Figura 3). Antigamente, a cozinha caipira possuía na sua estrutura um fogão feito de tijolo ou barro, que funcionava com lenha. Hoje, o café, ainda feito no coador de pano, encontra no fogão a gás a praticidade outrora inexistente.

Não há mais louça com fuligem do fogo, mas continua a prática de oferecer o café às visitas, ainda que em copos e em xícaras de jogos desfalcados. Estas fotos refletem a permanência da etiqueta na qual a recusa da oferta pode significar uma ofensa.



Figura 1. A casa.

Fonte: Acervo da ACIEPE O Universo Caipira, nov./2014.



Figura 2. A criação e a horta.



Fonte: Acervo da ACIEPE O Universo Caipira, nov./2014.



Figura 3. O café tradicional e moderno.



Fonte: Acervo da ACIEPE O Universo Caipira, nov./2014



Figura 4. Imagens de santos e anjos revelam a devoção da família.

Fonte: Acervo da ACIEPE O Universo Caipira, nov./2014.



Figura 5. Imagens de Jesus Cristo em vários cantos da casa.

Fonte: Acervo da ACIEPE O Universo Caipira, nov./2014.

Ainda no interior da casa caipira, pode-se notar a manifestação da religiosidade católica. O altar montado em um dos quartos traz santos e anjos demonstrando a fé e a devoção da família (Figura 4). Mas pela casa toda essa expressão religiosa se faz presente, com altares menores e quadros (Figura 5) espalhados pela sala, copa e cozinha.

Além das fotos, vários objetos foram integrados à exposição, como por exemplo, canecas de alumínio, imagens de santos – como Nossa Senhora Aparecida e São Francisco de Assis, do benzedor João de Camargo e do Divino Espírito Santo –, formando um altar iluminado figurativamente por uma vela; grãos de café e o chapéu de palha, que representavam o trabalho na roça, além de uma vassoura rústica usada nos sítios para varrer chão de terra; uma garrafa com um saci dentro e ao lado a peneira utilizada para a sua captura, que remetiam ao imaginário caipira; um banco decorado com uma colcha de retalhos

sob almofadas coloridas, com o objetivo de trazer o ambiente do interior da casa; uma viola caipira com fitas coloridas ao lado do aparelho MP3 com fone, por onde era possível ouvir a música caipira (aqui, a revelação do tradicional e do moderno). A exposição contou ainda com bandeirinhas coloridas comumente usadas para enfeitar ambientes festivos. Nestas estavam registradas algumas falas de interlocutores durante o trabalho de campo realizado em Araçoiaba da Serra. O resultado foi muito significativo para os alunos, e também para muitos visitantes da exposição, o que se pôde concluir pelos comentários escritos no caderno de impressões e mensagens, conforme se pode conferir:

Quando olhei as fotografias lembrei a minha infância e de quanto era bom viver no sítio. Às vezes me pergunto por que há tanto preconceito com a cultura caipira, ainda não encontrei respostas, porém acredito que trabalhos como este ajudam a valorizar esta cultura que é tão rica. (D.C.)

Os tempos podem até ter sofrido mudanças drásticas, mas pra quem teve a oportunidade de vivenciar mesmo que minimamente esse ‘Universo Caipira’, como eu, vai sempre se lembrar de que a simplicidade das coisas são as que trazem mais alegria e prazer pra nossa vida! (D. N. O.)

Acredita-se, portanto, que o desenvolvimento deste trabalho tenha conduzido os participantes à construção de um conhecimento de fato transformador, assentado no resgate e valorização de uma face importante de sua identidade. Ao mesmo tempo, a experiência pôde instrumentalizá-los para a prática de uma docência que se contraponha à manutenção de preconceitos e estereótipos, que acabam ofuscando o brilho dessa cultura tão rica, sem, contudo, ter conseguido extingui-la.

Considerações finais

A ACIEPE *O Universo Caipira* – que teve como proposta inicial discutir sobre a cultura caipira, à luz da compreensão teórica sobre o tradicional e o moderno numa relação dialética – proporcionou do ponto de vista prático, o autoconhecimento dos alunos participantes e a identificação de quem também pôde apreciá-la.

Para além do estereótipo e da compreensão da cultura caipira como rústica, foi possível enxergá-la no interior de uma sociedade urbano-industrial, em que elementos desta cultura, ainda que fragmentados, estão presentes no cotidiano. São modos de ser, pensar e agir que revelam essa singularidade constituída, sobretudo, pelas qualidades apontadas por Vianna (2005). Com base na honestidade, na força da palavra, na solidariedade e moral, a cultura caipira transita entre o tempo da economia de mercado e o tempo da natureza, num

diálogo em que ora uma ora outra lógica é acionada quando necessária, contribuindo para a sua perpetuação.

Com a experiência desta atividade de extensão, foi possível compreender o papel da Universidade neste Universo Caipira, ou este Universo Caipira dentro da Universidade. Não se trata de divulgação, mas sim mostrar quem somos, em que acreditamos e que posturas devemos ter diante da nossa sociedade rica na sua diversidade cultural, em constante movimento e contradição.

Referências

ANDRADE, J. J. A. **Cururu**: espetáculo de teatro não-formal poético-musical e coreográfico. Um cancionista trovadoresco do Médio Tietê. 3 v. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

BARROS, J. M. Cultura, diversidade e os desafios do desenvolvimento humano. In: BARROS, J. M. (Org.). **Diversidade Cultural**: da proteção à promoção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 15-22.

BERNARD, F. A Convenção sobre a Diversidade Cultural espera para ser colocada em prática. In: BARROS, J. M. (Org.). **Diversidade Cultural**: da proteção à promoção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 45-51.

BRASIL. Decreto n.º 6.177, de 1º de agosto de 2007 Promulga a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assinada em Paris, em 20 de outubro de 2005. **Diário Oficial da União**, n. 148, s. 1, p. 3-6, 2007. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2007/decreto-6177-1-agosto-2007-557634-norma-pe.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 9. ed. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2001.

FREIRE, P. **Lambe-lambe**: violeiro. São Paulo: Casa Amarela, 2000.

LOBATO, M. **Urupês**. Outros contos e coisas. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1943.

MARIANO, N. F. **Divina tradição ilumina Mogi das Cruzes**. O Espírito Santo faz a Festa. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARIANO, N. F. A Festa Sagrada: São Gonçalo do Amarante em Sabaúna (SP). **Cinema Caipira**, v. 19, p. 1-5, 2010.

PETRONE, P. **Aldeamentos paulistas**. São Paulo: EDUSP, 1995.

PIRES, C. **Musa Caipira**. As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho (o Queima-Campo). Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor (1884-1984). Tietê, SP: Prefeitura Municipal de Tietê, 1985.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

VIANNA, O. **Populações meridionais do Brasil**. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2005.

VILELA, I. **Cantando a própria história**. Música caipira e enraizamento. São Paulo: EDUSP, 2014.

Como citar este artigo:

MARIANO, N. F.; FERRAZ, C. S. O universo caipira que se revela em nós: um curso de extensão para além da compreensão acadêmica. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 6, n. 2, p. 69-76, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3075/pdf>>